

**REUNIÃO PÚBLICA DA COMISSÃO ESTADUAL DA VERDADE<sup>1</sup>**

- **IVETE CARIBÉ<sup>2</sup>**: *Vamos então retomar o que nós começamos pela manhã. Vamos ouvir a dona Rosalina Benitez. Dona Rosalina daí pode contar sua história.*

- **ROSALINA BENITEZ – GUARANI**: À dois mil e... na ilha! Nós morávamos na ilha. Morávamos no Mato Grosso, depois nós passamos pra ilha, aí nós ficamos. E na ilha nós plantávamos tudo que tinha né, plantava arroz, de tudo, semente que aparecia nós plantávamos lá, na ilha. Aí veio essa enchente por Itaipu né, que eles falam, e acabou com o arroz, aí nós saímos de lá. E nós pegamos bote, sem ajuda nem nada, e saímos da ilha pelo lago, pra pegar o bote. E nós perdemos até cachorro, perdemos gato, só não perdemos criança que levamos junto por causa de Deus mesmo! E daí passamos pro outro lado.

-**MARIA LUCIA BRANT DE CARVALHO<sup>3</sup>**: *Como é que chama a ilha? Onde ela fica?*

- **ROSALINA BENITEZ – GUARANI**: É a ilha... São Pedro! Ilha São Pedro! E nós morávamos lá, e depois viemos pra cá, nesse lugar que a gente tá agora, e até hoje não encontramos todo mundo, família até hoje não apareceram. Minha filha, minha cunhada morreu. E as crianças quando chegaram também, pegaram sarampo, pegaram tudo, só por Deus que não morreram de outras maneiras. E nós perdemos tudo que a gente tinha! Perdemos cachorro, perdemos gatos, e as crianças todas pequeninhas ainda! Lá a gente ainda plantava, tinha mandioca, tinha milho. Mas nessa terra não dá nada!

- **MARIA LUCIA BRANT DE CARVALHO**: *Só pra gente entender melhor a história, essa Ilha de São Pedro, a senhora saiu de lá em que ano, ou mais ou menos em que época?*

- **ROSALINA BENITEZ – GUARANI**: Em 84, julho de 84 que nós saímos de lá.

- **MARIA LUCIA BRANT DE CARVALHO**: *Mas como é que foi, vocês foram obrigados a sair de lá? Como é que foi?*

---

<sup>1</sup> Reunião pública realizada no plenário da Câmara dos Vereadores de Cascavel. A atividade realizou-se no período da tarde do dia 21/03/2014 e integrou as atividades da Audiência Pública da Comissão Estadual da Verdade, promovida pelo Comitê Memória e Justiça do Oeste do Paraná. A audiência ocorreu na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel-PR 20 e 21/03/14. Transcrição das entrevistas: Mariana de Macedo Valentim, estagiária do CAOPJDH, 27/05/2014.

<sup>2</sup> Integrante da Comissão Estadual da Verdade Teresa Urban.

<sup>3</sup> Antropóloga da FUNAI, autora de laudos e tese de doutoramento sobre os Guarani e a Itaipu (anexas a este relatório).

- ROSALINA BENITEZ – GUARANI: Sim né, porque alagou por causa de Itaipu!
- MARIA LUCIA BRANT DE CARVALHO: *E essa Ilha de São Pedro faz parte de Ilha Grande ali?*
- ROSALINA BENITEZ – GUARANI: Isso, aham, isso mesmo!
- MARIA LUCIA BRANT DE CARVALHO: *Ah, vocês eram moradores lá da Ilha Grande então.*
- ROSALINA BENITEZ – GUARANI: Isso!
- MARIA LUCIA BRANT DE CARVALHO: *Tá, e quando encheu Itaipu vocês tiveram que sair?*
- ROSALINA BENITEZ – GUARANI: Isso, tivemos que sair!
- MARIA LUCIA BRANT DE CARVALHO: *Ah tá, agora ficou mais claro.*
- SILVANIA BENITEZ - GUARANI: É que a gente saiu lá da ilha, que inundou, aí eles vieram pra Guaíra, lá no porto Guaíra e ficaram lá. E daí perderam tudo que ficou na ilha, tudo que eles plantavam lá, tudo perderam. Aí vieram pra Guaíra, e de Guaíra eles mandaram eles virem aqui pro assentamento, e com uma van foram pra Castro junto com os sem-terra sabe, vieram junto! Daí jogaram eles. Jogaram meu pai, meu vô, minha vó, meu tio, vieram acho que umas cinco famílias indígenas na época, sabe? Daí uns foram pro Mato Grosso, outros pra São Paulo, ficaram assim dispersados. Daí agora, na verdade, só tá minha família de Castro. Meu pai, meu vô e minha vó morreram né...
- MARIA LUCIA BRANT DE CARVALHO: *No assentamento?*
- SILVANIA BENITEZ - GUARANI: Isso, no assentamento!
- MARIA LUCIA BRANT DE CARVALHO: *Vocês são indígenas... Guarani?*
- SILVANIA BENITEZ - GUARANI: Isso, Guarani!
- MARIA LUCIA BRANT DE CARVALHO: *E nunca ninguém entrou em contato com vocês durante esse tempo?*
- SILVANIA BENITEZ - GUARANI: Não, ninguém entrou em contato. Nem a FUNAI nem ninguém, porque daí na verdade, não é considerado uma aldeia, por ser uma família muito pequena né, eles não consideram uma aldeia, então a gente não tem apoio da FUNAI nem de

ninguém né..

- **PAULO PORTO<sup>4</sup>**: *Uma pergunta: vocês estavam há quanto tempo nessa ilha?*

- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI**: 25 anos.

- **MARIA LUCIA BRANT DE CARVALHO**: *25 anos aproximadamente vocês moraram lá?*

- **ONÓRIO BENITEZ - GUARANI**: Isso. Pra cima de 8 km, em frente do município de Terra Verde.

- **MARIA LUCIA BRANT DE CARVALHO**: *Mas vocês estavam há 25 anos atrás, ou durante 25 anos quando vocês saíram de lá?*

- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI**: Não, ficamos lá 25 anos, em Castro faz 30!

- **MARIA LUCIA BRANT DE CARVALHO**: *Ah, vocês estão em Castro há 30 anos! Então quando mais ou menos vocês chegaram, e vocês saíram lá da ilha?*

- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI**: Eles saíram da ilha em 84 e vieram pra cá, então da ilha faz 30 anos né, que eles estão morando aqui!

- **MARIA LUCIA BRANT DE CARVALHO**: *Então vamos lá... se eles saíram em...*

- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI**: 25 anos na ilha, 25 anos ficaram morando na ilha!

- **MARIA LUCIA BRANT DE CARVALHO**: *25 anos na ilha, aham. E estão há 30 anos no assentamento.*

- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI**: Isso, aham!

- **MARIA LUCIA BRANT DE CARVALHO**: *E quando vocês entraram, entrou mais gente, era uma aldeia? Quando vocês entraram na ilha...*

-**SILVANIA BENITEZ - GUARANI**: Não... é porque na verdade, deixa eu contar a história certinho! É que eles vieram do Mato Grosso, eles foram pro Mato Grosso, tá? Aí eles vieram descendo, e vieram pra cá, pra ilha de São Pedro, Santa Terezinha... E na verdade minha mãe já morava na aldeia, aí o vô dela morreu, a vó dela morreu, e ela foi,

foi criando ali quase que uma aldeia assim, e com a mais a família do meu pai, que daí tinha meu vô, meu tio, mais a família dele mesmo.

---

<sup>4</sup> Professor dr. Paulo Humberto Porto Borges, Departamento de Educação da UNIOESTE, campus de Cascavel, também vereador nesta cidade.

- **MARIA LUCIA BRANT DE CARVALHO:** *Mas a família dele morava na ilha também?*
- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI:** Sim! Sim, moravam todos na ilha.
- **MARIA LUCIA BRANT DE CARVALHO:** *E era uma aldeia?*
- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI:** Modo de dizer não né, mas era só família...
- **MARIA LUCIA BRANT DE CARVALHO:** *Mas vocês ocupavam lá muito tempo né?*
- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI:** Isso, aham!
- **PAULO PORTO:** *E existiam outras famílias guarani, isoladas que seja, nesse complexo que vocês moravam lá ou só vocês?*
- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI:** Não, tinha mais, tinham muitas! Bastante índios lá.
- **PAULO PORTO:** *Aproximadamente, quantas famílias habitavam a região que é hoje a Ilha Grande?*
- **EUZÉBIO GARCIA - GUARANI:** Umas 15, espalhadas...
- **MARIA LUCIA BRANT DE CARVALHO:** *Qual a quantidade de terra vocês ocupavam, vocês têm noção? 30 hectares? 28?*
- **ONÓRIO BENITEZ - GUARANI:** De 23 a 30 ali pra nós.
- **MARIA LUCIA BRANT DE CARVALHO:** *E isso era pra cada família? 23 hectares eram mais ou menos pra cada família ou...*
- **EUZÉBIO GARCIA - GUARANI:** Sim!
- **MARIA LUCIA BRANT DE CARVALHO:** *E na família de vocês, quantas pessoas eram mais ou menos?*
- **EUZÉBIO GARCIA - GUARANI:** A gente era em 7, e foi pra lá em 4, mais meu irmão.
- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES<sup>5</sup>:** *Mas o senhor só conta melhor a história pra mim, por que vocês saíram de Ilha Grande?*
- **EUZÉBIO GARCIA - GUARANI:** Porque a Itaipu fechou lá!
- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES:** *Sim, mas alguém foi avisar vocês antes?*
- **EUZÉBIO GARCIA - GUARANI:** Não, não avisou ninguém.
- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES:** *Então como aconteceu? Assim, nós estamos*

---

<sup>5</sup> Historiador, assessor técnico Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Proteção aos Direitos Humanos Ministério Público do Estado do Paraná.

*aqui porque as pessoas sabem, mas muita gente não sabe. Então o senhor conta como se fosse contar pra alguém que... Conta assim, como é que o senhor lembra? Explica o que aconteceu no dia que vocês resolveram sair! O que aconteceu?*

- **EUZÉBIO GARCIA - GUARANI:** Foi como se, depois de amanhã eu ia plantar, e a gente já amanheceu dentro d'água! Não teve tempo pra nada. E chovendo ainda também, daí a gente veio empurrado. E a gente ainda não encontrava bote!

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES:** *Então no dia que tava chegando a água lá alguém foi avisar o senhor?*

- **EUZÉBIO GARCIA - GUARANI:** Não, não foram não. Chegou a água tava em cima!

- **MARIA LUCIA BRANT DE CARVALHO:** *E vocês tinham barco?*

- **EUZÉBIO GARCIA - GUARANI:** Tinha um botinho lá, nós carregamos pro outro lado.

- **MARIA LUCIA BRANT DE CARVALHO::** *Assim que vocês fizeram então?*

- **EUZÉBIO GARCIA - GUARANI:** É, a gente não tinha nada!

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES:** *E foram todas as famílias?*

- **EUZÉBIO GARCIA - GUARANI:** Sim, jogava dentro do botinho e ia, tava todo mundo lá!

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES:** *Mas tirando a família do senhor, todas as famílias foram avisadas?*

- **EUZÉBIO GARCIA - GUARANI:** Pois isso eu não sei...

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES:** *E a família do senhor, foi avisada?*

- **EUZÉBIO GARCIA - GUARANI:** Não!

---

- **MARIA LUCIA BRANT DE CARVALHO:** *Só fazendo um parênteses... Eu acho que isso aí é um outro fato, porque a Itaipu inundou em 1982, no final de 1982. Só que eles fecharam as comportas pra encher... Depois disso houve um fato de eles fecharem as comportas lá em cima, pra encher mesmo um pouco na Ilha Grande, depois da inundação de Itaipu, então deve ser nesse momento que tudo aconteceu! Mas eles tão falando em 84 né...*

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES:** *Mas só uma coisa, o senhor disse que os parentes do senhor não sabiam?*

- **EUZÉBIO GARCIA - GUARANI:** Não!

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES:** *O que aconteceu com eles?*
  - **EUZÉBIO GARCIA:** A gente correu né, e eles acho que correram também, pro outro lado.
  - **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES:** *E as criações?*
  - **EUZÉBIO GARCIA - GUARANI:** Ah, o pouco que deu pra encaixotar nós levamos tudo, mas ficou pra trás bastante também né!
  - **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES:** *E as plantações de vocês, as roças?*
  - **EUZÉBIO GARCIA - GUARANI:** Ficou tudo embaixo né, sumiu tudo. Roça de arroz, bananal, os canaviais... ficou!
  - **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES:** *E de lá vocês foram então pra Castro?*
  - **EUZÉBIO GARCIA - GUARANI:** É!
  - **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES:** *Mais uma pergunta que eu queria saber, sobre as famílias: tinha a família do senhor, do seu irmão, e de outros parentes? Tinham mais parentes lá?*
  - **EUZÉBIO GARCIA - GUARANI:** Tinha!
  - **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES:** *E esses parentes foram todos juntos pra Castro?*
  - **EUZÉBIO GARCIA - GUARANI:** Não, ficou tudo espalhado!
  - **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES:** *E foram pra onde, o senhor tem ideia?*
  - **EUZÉBIO GARCIA - GUARANI:** Ah, devem tá em Guaíra, por aí né, não sei...
  - **MARIA LÚCIA BRANT DE CARVALHO:** *O senhor nunca mais se encontrou com esses parentes seus?*
- 
- **EUZÉBIO GARCIA - GUARANI:** Não.
  - **MARIA LÚCIA BRANT DE CARVALHO:** *E nunca ninguém indenizou o que vocês perderam?*
  - **EUZÉBIO GARCIA - GUARANI:** Nada!
  - **IVETE CARIBÉ:** *Como é o seu nome?*
  - **SILVANIA BENITEZ - GUARANI:** Silvana.
  - **IVETE CARIBÉ:** *E a você é filha da dona Rosalina né? Você lembra de algum fato dessa época, tem alguma coisa pra contar?*
  - **SILVANIA BENITEZ - GUARANI:** Eu lembro pouco né, naquela época eu era pequena

ainda né. Mas eu lembro que na época que deram as enchentes a gente saiu de lá, meu pai ficou desesperado, minha mãe também, porque a gente perdeu tudo que tinha né? E fomos pro porto de Guaíra daí, ficamos lá, embaixo de lona, e meu pai levou a gente de bote. E deu pra levar pouca coisa, era muito e não deu pra levar tudo né. As coisas foram deixadas, e a gente perdeu bastante. A única coisa que deu pra levar foi nós mesmos e umas peças de roupa que a gente tinha! E eu me lembro que foi bem triste, porque na verdade a gente não sabia pra onde ir né, e toda aquela água entrando e a gente sem ter pra onde ir! E nós éramos todos pequenos né...

- **IVETE CARIBÉ:** *Quantas crianças?*

- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI:** Nós éramos em 5!

- **IVETE CARIBÉ:** *E quando vocês chegaram nesse local pra onde vocês foram, vocês foram direto pra Castro mesmo?*

- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI:** Não, a gente foi primeiro pro porto de Guaíra, e ficamos lá um ano e pouco, e daí em julho de 84 que nós viemos aqui pra Castro, e eu já tinha mais ou menos 10 anos.

- **MARIA LÚCIA BRANT DE CARVALHO:** *Ah, então quando vocês vieram pra cá já fazia um ano que vocês estavam em Guaíra?*

- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI:** *Isso, isso mesmo. E daí quando nós viemos aqui pra Castro nós fomos morar na lona de volta, e não tinha cobertor suficiente né, não tinha comida...*

- **IVETE CARIBÉ:** *Certo, isso sobre a comida. E vocês sofreram alguma epidemia, uma doença, alguma coisa?*

- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI:** *Ah sim né, quando chegamos bastante doenças né, sarampo... Também passaram muito frio e não tinha casaco, aí deu pneumonia.*

- **IVETE CARIBÉ:** *As crianças pegaram sarampo?*

- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI:** Isso, aham!

- **IVETE CARIBÉ:** *E o que vocês fizeram com a alimentação?*

- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI:** Ah, a gente ia né, tinha uns espaços com cereais e lá, e a gente ia se virando. A gente só comia quando sobravam as coisas tipo milho ou feijão... Mas passamos fome mesmo, fome, frio, pegamos a geada inteira de Castro! E a gente

sobreviveu mesmo, mas era complicado porque não era como hoje, se ficasse doente não tinha hospital pra ir, nada. Sofremos bastante!

- **IVETE CARIBÉ:** *E como vocês foram levados pra Guaira? Essa ilha que vocês moravam, como vocês foram levados?*

- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI:** Fomos de bote, até lá o porto de Guaira.

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES:** *Dona Rosalina, nessa época que deram as doenças, chegou a morrer criança?*

- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI:** Teve, um menino que morreu de amarelão... E na nossa região não tinha nada de recurso né, pra pegar remédio nem nada.

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES:** *E quem trouxe vocês de barco pra ilha, pra Guaira?*

- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI:** Foi a gente mesmo, de bote!

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES:** *E se não tivesse barco, o que vocês fariam?*

- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI:** Não sei...

- **MARCIANO RODRIGUES TUPÃ MIRIM – GUARANI:** *Nesse período todo, no momento que foi alagado e vocês tiveram que sair forçadamente dali, foi alguém acompanhar vocês, alguma autoridade, até por meio da FUNAI, mesmo não estando sempre junto, mas alguém pra representar vocês?*

- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI:** Não.

- **MARCIANO RODRIGUES TUPÃ MIRIM – GUARANI:** *Lá em Guaira quando chegaram, também não tinha ninguém?*

- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI:** Não, não tinha. E até respondendo a pergunta dele, se não tivesse barco a gente teria morrido, porque não tinha ninguém pra levar! No bote que a gente fez tudo, sem ele não tinha condição de sair. Mas não tivemos apoio não, de ninguém! E não tivemos nem temos ainda, porque né... Nem a FUNAI!

- **MARCIANO RODRIGUES TUPÃ MIRIM – GUARANI:** *E sobre a FUNAI, quando vocês tiveram conhecimento dos direitos, que é um interesse que vocês têm que procurar e tal, em que momento vocês tiveram acesso a essa informação?*

- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI:** Bom a FUNAI foi na época de 91 que eu conheci, que eu morava em Guarapuava e estava estudando em colégio de freira, o batistério começou a conversar com a gente e fomos conhecendo. Mas foi só conhecer mesmo, apoio não! Isso porque não era uma terra indígena né, eles alegam até hoje que não se envolvem por não ser uma terra indígena.



- IVETE CARIBÉ: *Alguém mais tem alguma pergunta aqui?*

- TEODORO TUPÃ ALVES - GUARANI: *Eu não sei se eu posso fazer pergunta em português ou guarani, porque ele aqui fala guarani... (conversa em guarani). Eu perguntei aqui pra eles, se ainda, pelo sofrimento daquela época, se eles sonham ainda em ter uma vida mais digna, mais livre, e ter uma vida própria deles, com um espaço que ofereça a mesma vida que era oferecida naquela época... Se eles pensam ainda naquela floresta bonita, no campo!*

- ROSALINA BENITEZ – GUARANI: Nós perdemos tudo... e nós sofremos muito, até agora ainda. Viemos com filhos, foi tudo só por Deus mesmo, tudo. Mas a gente queria um canto né, pra parar de ficar rodando, ajuda mesmo!

- JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: *Dona Rosalina, quando vocês saíram lá da terra de vocês e foram pra Guairá, vocês chegaram lá tinha casa, moradia, como vocês ficaram lá?*

- EUZÉBIO GARCIA - GUARANI: Moradia não. Nós ficávamos ali na periferia, mas periferia mesmo! Tinha uma “lonada” velha e a gente ficava ali mesmo, no sol, na chuva...

- JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: *Dona Rosalina, e ficar ali na chuva que deu doença nas crianças?*

- ROSALINA BENITEZ – GUARANI: Sim, pois as crianças ficavam ali na chuva e deu sarampo, deu pneumonia, deu tudo.

- JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: *E você teve outro parente que passou por situação parecida?*

- EUZÉBIO GARCIA - GUARANI: Tinham, tinham outros também!

- JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES : *E eles estavam com vocês na época? Tinham crianças também?*

- EUZÉBIO GARCIA - GUARANI: Aham. Tinham, tinham umas lá.

- JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES : *E tava todo mundo junto com vocês lá?*

- EUZÉBIO GARCIA - GUARANI: Tava!

- IVETE CARIBÉ: *E a moça, tem mais alguma coisa pra falar?*

- SILVANIA BENITEZ - GUARANI: Sobre aquela pergunta de antes, eu achei que fosse interessante de colocar como a gente se sente hoje né. Naquela época que nós morávamos lá, a gente tinha mais família, e eu lembro que nós éramos todos pequenos e meu pai fazia as danças né, eles tinham a cultura deles. E daí depois da enchente, cada um foi pra um canto e a gente veio pra Castro, não teve mais isso sabe? E antes a gente até tinha um pouco de afinidade de

entender as coisas, entender o que eles falavam, mas agora... A gente foi crescendo no meio dos brancos e foi perdendo essa cultura! Então eu acho que o pior de tudo isso foi a gente perder a nossa cultura, porque além de perder tudo o que nós perdemos, nós ainda perdemos nossa cultura!

- **IVETE CARIBÉ:** *E seu pai faleceu quando?*

- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI:** Faz uns 16, 17 anos.

- **IVETE CARIBÉ:** *E ele passou por tudo isso, ficou triste por ter perdido essa cultura?*

- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI:** Sim, pois eles perderam tudo deles né! E de repente estavam no meio dos brancos e tudo. A minha avó por exemplo, desceu amuada e não falava nada de português, e desceu doente ainda, mas ficou mais aqui...

- **IVETE CARIBÉ:** *E quantos anos ela tinha?*

- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI:** Ah, veio com uns 70 anos.

- **IVETE CARIBÉ:** *E morreu em que ano?*

- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI:** Em 98!

- **MARIA LÚCIA BRANT DE CARVALHO:** *E quando vocês foram morar em Castro, sofreram muito preconceito por serem indígenas?*

- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI:** Sim, sofremos sim! Aconteceu até uma vez da minha mãe, fazia um mês que a gente tava em Castro, e ela me ligou desesperada dizendo que uma família vizinha lá começaram a tacar pedra, chamar de índio, chamar de vagabundo sabe? E queriam entrar na casa pra bater na mãe, no pai, deu o maior rolo! E até hoje acontece isso ainda, infelizmente acontece.

- **MARIA LÚCIA BRANT DE CARVALHO:** *E isso foi um fator que contribuiu pro modo de vocês verem as coisas?*

- **SILVANIA BENITEZ - GUARANI:** Sim, aham.

- **MARIA LÚCIA BRANT DE CARVALHO:** *Vocês pensam na possibilidade de se juntar ao povo guarani de alguma aldeia?*

- **ROSALINA BENITEZ - GUARANI:** Ah, a gente até pensa né...

- **MÁRCIO - GUARANI:** *Eu não sei se eu posso contribuir, mas eu visitei os dois senhores na terra onde eles vivem, e eu gostaria de saber deles se houvesse a possibilidade de repatriar vocês pro lugar onde vocês conviveram antes do alagamento da Itaipu, junto com os parentes de vocês, irmãos, tios, avós, se um dia alguém dissesse “há uma chance de vocês voltarem pra lá”, independente de onde vocês estavam, eu queria saber se vocês voltariam pra lá... Porque a nossa terra, nossa espiritualidade... Vocês voltariam? Não pra qualquer*

*lugar, mas pra terra de onde vocês saíram.*

- *(Conversa em guarani)*

- **TEODORO TUPÃ ALVES - GUARANI:** Vocês sabem do sentimento dos mais velhos... Voltar pro lugar que saíram e lembrar de tudo que passaram, eles disseram que tem que pensar. A consequência de todo sofrimento, depois de tudo que eles passaram, voltar pra lá pra eles é complicado... Ele até falou que podem pensar, mas de imediato assim, levando em conta tudo que eles passaram né, de ficar sem suporte, ir sozinho com a família, a água subindo... Então eles ainda levam na cabeça né, guardam na memória e o fardo parece que tá acontecendo nesse momento, os mais velhos sentem!

- **ROMANCIL GENTIL CRETÃ - KAINGANG:** Eu conheci o casal e a Silvana em 2006, e eu escutei essa mesma história quando cheguei lá na casa deles e fiquei chocado! Eles contaram pra mim o que aconteceu, o que tudo causou – e não só pra eles, pra várias outras famílias –, que não foram avisados sobre a inundação. E esse foi um discurso que eu levei à nível nacional na época de Belo Monte, eu coordenei em 2012 e meu partido assumiu ano passado, e eu sempre levei esse discurso, em todos os debates que envolviam, com essa preocupação, porque está ainda concentrado esses povos isolados, e o que aconteceu com essa e outras famílias que morreram, porque eles se salvaram por causa do bote né, várias outras não tinham bote, muitos povos foram dizimados! E eu até tinha prometido pra ele que um dia eles iam contar essa história pra alguém que se sensibilizasse, pra que o Estado brasileiro tomasse conhecimento do crime que foi cometido com eles e com várias outras famílias, e hoje é o dia que eu estou cumprindo essa promessa, e eu fico muito feliz!

- **DR. OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO<sup>6</sup>:** *Sobre a situação especificamente de Guaira, quem poderia dar informações sobre né, o conflito, que a população estava sendo convocada pra uma passeata contra a presença dos índios, o que é um absurdo, o próprio prefeito municipal estaria liberando os funcionários da prefeitura pra participar da passeata, e nós fizemos contato, o Ministério Público fez contato com a prefeitura e isso não ocorreu, quem gostaria de falar aqui da situação de Guaira, sobre o encaminhamento das pessoas que estão ali?*

- **PAULO PORTO - VEREADOR:** *Na região de Guaira existem cerca de 14 aldeamentos indígenas não oficializados, contando com Santa Helena 15. E existe uma falta de ação da*

---

<sup>6</sup> *Procurador de Justiça*, Coordenador do Centro de Apoio de Proteção Aos Direitos Humanos do Ministério Público do Estado do Paraná.

*FUNAI, em específico, existe uma grande segurança jurídica em relação aos proprietários de terra de Guaíra, e isso acaba criando essa falta de informação, que gera até muito preconceito. E essa informação que o senhor traz é verdadeira, o prefeito Fabian do Partido dos Trabalhadores vem coordenando um movimento de hostilidade aos povos indígena, e lá felizmente o Ministério Público agiu com força, indiciando 43 pessoas por crime racista. Agora pouco também, a FUNAI felizmente instaurou uma portaria indicando um grupo de trabalho pra conhecimento das áreas de Guaíra e Araujo, o que é muito importante no sentido de regularizar as áreas. Então a gente vive em Guaíra uma situação muito difícil e preocupante em relação aos povos indígenas, tivemos até uma indígena que trabalhava como estagiária da FUNAI que foi sequestrada duas vezes, houve até uma simulação de estupro e ela foi abandonada na periferia com os seguintes dizeres: “avisa a FUNAI que vai acontecer com todo mundo”. Isso faz um ano aproximadamente, se eu não me engano, mas nos preocupa muito a situação de Guaíra. Agora com o grupo do trabalho, no sentido de não necessariamente demarcar, mas iniciar os estudos da região, a gente acredita que isso vá talvez acalmar os ânimos, e seria então uma solução possível. E eu gostaria que agora um de vocês falasse um pouco também, pra gente visualizar uma situação mais real que a minha fala!*

- **TEODORO TUPÃ ALVES - GUARANI:** Bom, eu quanto representante da Comissão Guarani na região Oeste do Paraná, eu andei com os caciques né, e a gente tinha visto muitas coisas erradas que vêm acontecendo. Muitas famílias indígenas ficam na cidade sem reconhecimento nenhum por parte da FUNAI ou até mesmo por parte do governo estadual e federal. Com isso, nós havíamos criado essa organização do próprio povo guarani, que é considerada hoje uma das articuladoras na região oeste do Paraná. E com isso, com esse trabalho, nós temos bons resultados no sentido de acompanhar e repassar as informações a respeito da falta de atendimento na cidade de Guaíra e Terra Roxa. Nós já tínhamos uma aldeia conhecida desde até mesmo a alagação de terra por parte de Itaipu, independente disso nós já tínhamos o levantamento de que havia uma aldeia em Guaíra. E a cidade de Guaíra é uma cidade que se você chegar a perguntar muitas pessoas vão se identificar como indígenas, porque tem bastante famílias isoladas no meio da população de Guaíra. Nós tivemos essa articulação começando em 2009, fizemos o levantamento e mandamos pra FUNAI, solicitando que eles fizessem um levantamento mais formal, mais positivo pro lado indígena e assim, com a participação da FUNAI através da solicitação de uma liderança indígena, nós tivemos uma assembleia juntamente com a Organização do Rio Urupá nós tivemos uma reunião no ano

passado e ano retrasado e nesse encontro do ano retrasado que nós havíamos solicitado a participação e atuação da FUNAI na cidade de Guaíra. E com isso nós temos hoje a FUNAI lá, acompanhando o caso e o que acontece na cidade de Guaíra, foi feito o levantamento, e com a participação e atuação da FUNAI foi que as pessoas se identificaram, ali da cidade mesmo, e com isso a família vai aumentando e o que acontece: com essa “revelação” daquele pessoal, daquele indígena mesmo a população de Guaíra começou a se revoltar e falar “ah, a FUNAI tá aqui pra trazer mais gente lá do

Mato Grosso, lá do Paraguai”. E com isso eles começaram a se incomodar, a achar que isso é errado. E as famílias que a FUNAI começou a identificar, as famílias que foram se juntando cada vez mais, a população de Guaíra acha que é a FUNAI que tá causando isso, jogando a culpa na FUNAI por fazer isso. Então começam a falar que “antes da FUNAI estar aqui, ou quando nós não tivemos a presença da FUNAI não acontecia isso. E então o pedido da liderança é isso mesmo, que a participação da FUNAI vai sim identificar mais indígenas na cidade de Guaíra, e foi o que aconteceu né, e dessa forma foi acontecendo, a população de Guaíra achando que é a FUNAI que traz as famílias do Paraguai, do Mato Grosso do Sul, e essa foi a segunda informação que foi levantada pela Organização. E até mesmo mataram também um indígena baleado, balearam uma criança também com todo esse problema que aflorou, acidentaram uma senhora de 70 e poucos anos na cidade, então a cidade de Guaíra tornou-se violenta contra os Guarani.

**PAULO PORTO - VEREADOR:** O sindicato rural de Palotina chegou a ponto de afirmar em documentos, em informativos do sindicato que os índios vieram do Paraguai, deportados pela FUNAI, e a FUNAI está trazendo - nesses teores! – está trazendo restos mortais de indígenas do Xingu e enterrando em Guaíra pra falar que é terra indígena! Então criando um preconceito absurdo contra os indígenas via Sindicato Rural de Palotina, e vários documentos deles, vários sites e facebooks que eles falam isso, assim como no sindicato rural. E inclusive, na semana passada foi feita uma audiência no anfiteatro da CONEPAR, em Guaíra, e quem chamou foi o sindicato patronal com as mesmas acusações: que a FUNAI está importando indígenas do Paraguai pra poder retirar dessa região os proprietários rurais de Terra Roxa e Guaíra. Então foi uma denúncia essa audiência que teve, complementando sobre essa situação de preconceito, é isso!

- **MARCIANO RODRIGUES TUPÃ MIRIM – GUARANI:** Bom, eu estive visitando algumas vezes a região Oeste do Paraná, especialmente a região de Guaíra. Conheci um pouco mais de perto, pra estar acompanhando a situação também, não participei de nenhum momento

assim, mais tenso, mais em alguns momentos a gente conseguiu pegar alguns relatos da Universidade até, em vários momentos. E a gente fica chocado né, com a situação ali da região de Guaíra e Terra Roxa, como é explicitado mesmo a situação de preconceito, a incitação ao preconceito, ao racismo né, dentro da própria escola, que trata da educação, trata da questão da própria diversidade, das origens. Porque ali é um local onde se está construindo o pensamento em relação ao povo brasileiro, à própria educação. E a gente sabe que dentro das próprias escolas se trabalha, dentro do próprio ensino fundamental, existe a questão do preconceito; a incitação trabalhada na cabeça das próprias crianças, o preconceito contra os guaranis ali da região. Tratando mal as crianças indígenas, entendeu? E essas crianças vendo isso, com palavras, com argumentos, tratando eles como estrangeiros mesmo. E daí uma situação que me deixa assim, impressionado, é que a gente não consegue fazer um trabalho de comunicação em prol das comunidades e contra todas essas atitudes. Na região, parece que a gente vê muito pouca coisa ainda, a gente vê sempre alguém que manifesta contra, mas parece que falta ainda isso ter uma repercussão maior principalmente na região de Guaíra e Terra Roxa, onde acontecem as coisas mais absurdas em relação a preconceito, esses crimes inclusive nos próprios meios de comunicação, nas redes sociais acontece isso, e é crime mas a gente sabe que já têm muitas ações acontecendo ali. Mas a gente ainda vê, eu pelo menos da minha parte, eu tenho essa preocupação, até por parte da nossa instituição também, de estar chamando atenção, de estar conversando com as próprias autoridades do estado também pra gente ver o que pode ser feito. Na audiência que a gente teve na Assembleia Legislativa, até o doutor estava lá também, foi levantado inclusive até pela própria população da região que contou umas situações que ocorrem lá em geral. Mas eu vejo assim, eu acho que uma das coisas que fica muito focada e que é muito próxima até da questão de Mato Grosso também, onde acontecem essas situações em que o foco hoje fala de Mato Grosso principalmente, até pelos meios de comunicação que divulgam essa situação toda que ocorre em Mato Grosso, acabam não divulgando que ali do lado também tem a região que faz fronteira com o Mato Grosso, foca a questão de Mato Grosso e às vezes não foca a questão ali que está na fronteira. E de certa forma se a gente for olhar no Paraná, por mais que a gente tenha tantas situações no Paraná pras pessoas que olham de fora, para que não, que no Paraná está tudo bem, os índios estão tranquilos, tudo é muito bem organizado, todo o movimento ali do Paraná, os professores, a questão da educação... e as vezes parece que isso tira um pouco do foco do que acontece ali na região da fronteira, principalmente em Guaíra e Terra Roxa, foi isso que eu percebi ali. E também essa pressão é muito forte. E também, realmente, essa pressão é muito

forte, várias vezes aparece gente ali que teve que ir sair dali, teve que ir embora por conta das ameaças. Qualquer outra instituição que pense numa forma estar na região com alguma liderança, com algum tipo de apoio e acompanhamento... Há pressão sim, há ameaças, eu fui algumas vezes lá e encontrei alguns amigos meus de comunidades tradicionais que me avisaram eles já tinham conversado e tinham comentado em uma reunião em relação à minha visita lá, sobre quem eu era, pra estar acompanhando. Inclusive a própria ARPINSUL, que já agiu lá, falaram que a questão da ARPINSUL que estava ali presente, que iria atuar ali... E logo em seguida, na mesma semana que eu estive ali pra falar sobre uma agenda com a embaixada da Noruega, uma parceria com a nossa instituição, e eles fizeram algumas visitas ali na região. E tudo isso já causou um alvoroço e o movimento tem que ficar muito atento a isso, eles estavam bem atentos em relação a essa questão!

- **DR. OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR<sup>7</sup>**: Depois da audiência pública na Assembleia, nós solicitamos uma reunião na Casa Civil que era pra ter a presença do INCRA, da FUNAI, assim como Itaipu, pra fazer um encaminhamento que pudesse superar essa situação, antes que ocorra uma tragédia, e depois nós tenhamos só que prantear, que chorar né. E foi horrível! Primeiro porque não se via vontade política alguma, que, aliás, piorou até, depois de uns dias veio a notícia de que o governo da cidade estaria pensando em alterar a forma de demarcação, querendo passar para o Congresso Nacional, dependendo ali da bancada ruralista a demarcação de terras indígenas. Então eu acho que é bom fazer esse registro, dessa missão criminosa mesmo em relação à Guáira, no sentido de criar um encaminhamento que possa superar esse conflito, e não por culpa dos indígenas né!

- **MARIA LÚCIA BRANT DE CARVALHO** : Eu Gostaria de ouvir dois comentários: um é se os Guaranis se prepararam pra essa resposta de quando são chamados de paraguaios, porque no meu trabalho aqui a gente levantou o seguinte né, sobre as missões jesuíticas no Guáira... A população enorme, indígena, das 15 missões jesuíticas, 13 eram em terra guarani. Todas essas terras, o Tratado de Tordesilhas lá em 1494, dividia o território entre portugueses e espanhóis da seguinte forma: eu estou sem o slide, mas o corte do Tratado de Tordesilhas dividia de forma que pegava uma parte em São Paulo e uma partezinha só do Paraná ficava pro lado dos portugueses, e o resto era território espanhol. Ou seja, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul, era

tudo território espanhol. Primeiro era tudo território guarani, depois vieram os portugueses e espanhóis, e esse território ficou todo espanhol. E eu até pensei nessa questão né, em seguida virou província do Paraguai no século XVII, e depois província do Prata com os jesuítas e suas missões, província do Prata. Então em toda essa região aqui até o século XVII se falava espanhol! Se falava guarani e espanhol. Então da próxima vez que disserem que os guaranis são paraguaios, nós podemos afirmar que o Paraguai é aqui, aqui é o Paraguai! E, antes de ser Paraguai, era território guarani! E sobre essa situação que o senhor colocou, se acirrou a questão de Guaíra, eu acho que tem muito a ver com essa posição do governo, dada que a Casa Civil da época, comandada pela senhora Gleisi Hoffmann, ela foi conselheira de Itaipu. Então eu acho que tem uma grande influência nisso, em como lidar com as questões de Guaíra, vindas de Itaipu. E interromper os trabalhos de demarcação no auge da “guerra” entre as partes, é claro que é extremamente prejudicial aos índios, porque eles ficam soltos nessa situação, sem nenhum procurador ou oficial do governo que vá encaminhar a questão das terras.

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES** : Agora a gente vai passar a fala pra Dona Elvira e pra você, pra gente poder continuar! **ROMANCIL GENTIL CRETÃ - KAINGANG**: Primeiro eu queria começar pela questão do preconceito, porque a gente não pode ignorar essa parte. E primeiro eu falo do preconceito não de cunho racista, mas as principais leis que hoje se apresentam a nível de Congresso Nacional, anti-indígena e pra retirar direitos que são garantidos pela Constituição Brasileira, todas elas saem da região Sul. Saem dos deputados federais, dos senadores da região sul... Porque o Brasil foi colonizado pelos portugueses, mas na região nordeste! Agora a região sul, não foi colonizada pelos portugueses! Inclusive com todo respeito, eu acho que a maioria aqui deve ser descendente de alemães, mas o preconceito é um preconceito europeu com o índio! Então infelizmente nós não estamos tratando de um problema de terra, porque ninguém quer dar terra pra índio, ninguém quer índio naquela terra, não é isso. Se a gente olhar os estudos que são feitos e for analisa o porquê de não quererem índio naquele lugar, não é por causa de terra, a briga é uma coisa maior, um preconceito. E esse preconceito veio da Europa junto com esses colonizadores que chegaram até região sul, até o Paraná, até o Mato Grosso do Sul, que chegaram até Santa Catarina. Em Santa Catarina, os indígenas lá vivem da mesma maneira, no Rio Grande do Sul, da mesma maneira. E se você cortar do Paraná até o Rio Grande do Sul, você vai passar por muitas colônias alemãs. Com todo respeito aos alemães, porque eles que transformaram o sul do Brasil nessa potência que ele é hoje, mas há um preconceito que passa de pais pra filhos. E



quando a gente fica sabendo da própria região de Guaíra, eu fiquei sabendo também de outro dado que não foi passado aqui, que as próprias empresas que contratavam os guaranis para trabalhar, foram proibidas de contratar os indígenas pra trabalhar. Então não dá pra ser realista de não querer terra, na verdade é não querer esse pessoal guarani se misturando!

**- MARIA LÚCIA BRANT DE CARVALHO: E as áreas que ainda não foram demarcadas são as que têm mais interesse de capital, que é o sul e o sudeste, e a orla do nordeste. O resto já foi mais ou menos demarcado. Então as áreas mais difíceis são as áreas onde têm a maior concentração de dinheiro e de gente, as áreas mais habitadas também são as mais difíceis de se conseguir demarcação. E que inclusive foram deixadas pra trás há muito tempo, todos esses povos aqui não deram bola, estavam deixando, deixa invadir! Só nos últimos anos que se prestou atenção que esses povos estão sem nenhuma posição política, e que tem que demarcar essas terras do sul, que são as mais difíceis. Mas é por terra sim, o preconceito vem por conta das terras!**

**- JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES : Agora a gente queria passar a fala pra Dona Elvira, mas eu já vi que ela não se sente bem em falar, então eu penso que podia o Ambrósio continuar o que ele estava falando de hoje de manhã né Seu Ambrósio, falar um pouco sobre os casos de liderança importantes.**

**- AMBRÓSIO - GUARANI:** Então, a história de Mangueirinha é o seguinte, a gente saiu de lá em 46, então eu cresci e me criei lá, meus pais, meus avós... E então por sinal Mangueirinha não foi uma terra doada, foram as colônias servis, e meu avô, meus antepassados que abriram a estrada. E daí o governo queria pagar ali, mas meu avô falou não, não quero esse dinheiro, dê essa terra aqui pra nós. E daí foi do nada essa terra, já no nome do bisavô nosso, e meu pai, meu tio, meu vô já foram contando a situação como foi. E daí chegaram os outros como dono da terra, escravizaram os índios, uma parte venderam, uma parte doaram, foram fazendo assim. Então por último quando eu tinha uns 8, 9 anos a gente já tinha trabalhado nas lavouras de milho, de feijão e não sei o que eles faziam com isso na época, só sei que a gente armazenava, e os índios comiam o que sobrava lá no panelão. E o chefe de polícia que tinha organizava os grupos de indígenas, e de madrugada ele vinha e gritava pra todo mundo vir, e se não obedecesse apanhava, ia pra cadeia, que tinha lá na aldeia mesmo. Então ali era mais ou menos desse jeito que a gente era tratado, e se não fizesse o que eles mandavam apanhava! Aí um chefe foi embora, mas o outro fazia a mesma coisa.

**- JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES : Eu queria fazer uma pergunta pro senhor, porque o senhor falou um nome que a gente já encontrou em muitas denúncias, que são**

os irmãos Sobrielli, o senhor chegou a conhecer eles? O que eles eram, como eles tratavam os índios, o que eles eram, pra começar?

- **AMBRÓSIO - GUARANI:** Só conheço o Bueno que era quem cuidava da reserva, esses daí eu acho que não conheci...

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES :** Um deles se chamava Raul Sotto Bueno né, funcionário da FUNAI. Mas os irmãos o senhor não chegou a conhecer?

- **AMBRÓSIO - GUARANI:** Não, me contaram só...

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES :** E o tenente que ficava lá era da PM, do exército, indígena?

- **AMBRÓSIO - GUARANI:** Era do exército!

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES :** Mas o que ele fazia?

- **AMBRÓSIO - GUARANI:** Ah, vamos supor assim, se tivesse doente não podia ficar em casa, tinha que trabalhar. Aí ele mandava buscar, e tinha que ir pro serviço senão ia pra cadeia, então era desse jeito.

- **NORTON NOHAMA<sup>8</sup>:** Então, no relatório Figueiredo, que foi feito há muito tempo atrás, não sei se vocês chegaram a ter conhecimento desse relatório, e é um trabalho feito a partir da investigação de várias práticas que eram cometidas na época. E ele escreve uma série de questões que são complicadas, e eu quero ler um pedacinho aqui desse relatório pra poder ouvi-los, e ver o que acontecia aqui no Paraná e algumas partes do Mato Grosso, porque chama muita atenção, pra gente poder entender as práticas do sistema da época. Então diz mais ou menos assim no relatório: “o Serviço de Proteção ao Índio foi antro de corrupção inominável durante muitos anos. O índio, razão de ser do Serviço de Proteção ao Índio, tornou-se vítima de verdadeiros celerados, que lhe impuseram um regime de escravidão e lhe negaram um mínimo de condições de vida compatíveis com a dignidade da pessoa humana. É espantoso que exista na estrutura administrativa do país repartição que haja descido a tão baixos padrões de decência. E que haja funcionários públicos, cuja bestialidade tenha atingido tais requintes de perversidade. Venderam-se crianças indefesas para servir aos instintos de indivíduos desumanos. Torturas contra crianças e adultos, em monstruosos e lentos suplícios, a título de ministrar justiça. Para mascarar a hediondez desses atos invocava-se a sentença de um capitão ou de uma polícia indígena, um e outro constituídos e manobrados pelos

---

<sup>8</sup> Integrante da Comissão Estadual da Verdade Teresa Urban e do Fórum Paranaense de Resgate da Memória e Justiça.

funcionários, que seguiam religiosamente a orientação e cumpriam cegamente as ordens”. Então bem, esse relatório destaque uma série de do que se poderiam chamar de crimes de toda ordem cometidos na época por funcionários do estado em várias regiões. E parece que isso era uma prática comum em todas as regiões, então eu gostaria de ouvir um pouco sobre essas práticas que são criminosas, uma descrição melhor do que aconteceu, e se há uma maneira de identificar quem eram os servidores do Serviço de Proteção ao Índio que faziam isso, e principalmente quem mandava isso ser feito, isso tudo é muito importante!

- **AMBRÓSIO - GUARANI:** Eles faziam um monte de coisa né, pegavam as coisas. Quem tinha madeira eles levavam, tiravam as pessoas das casas, foi um sofrimento. Meu pai antes de morrer até disse pra mim: vocês tem que estudar, tem que estudar pra não precisar passar por isso né. Porque sem estudo acho que não tinha como a gente ir né, por isso ele mandava a gente pra escola. Mas depois que ele faleceu eu já tive que parar de estudar né, porque fiquei com meu irmão, com minha irmã pequenininha. E daí fui em frente né, e com dinheiro depois eu consegui retomar o nosso pedaço de terra, mas a nossa terra antes era bem maior, bem maior mesmo. E não era nem terra doada né, era conquistada com suor!

- **ROMANCIL GENTIL CRETÃ - KAINGANG:** Eu vou tentar ajudar um pouquinho! A minha vó, ela morreu com 116 anos, e ela contava pra mim que a gente tinha o tronco, e também sobre esse chefe do posto que chamavam de tenente, mas eu não consigo lembrar o nome dele, só o que ela me contava mesmo. A canela dela era fina, por que esses troncos são duas madeiras arqueadas onde eles fecham e amarram. E várias vezes ela chegou a ir pro tronco, não só ela como os outros parentes nossos também. Mas eu não sei o nome desses que botavam a gente no tronco, talvez os mais antigos aqui lembrem.

- **AMBRÓSIO - GUARANI:** Ah, era os chefes de posto, acho que um deles era Durval...

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES :** Então, eu vou contar pro senhor que esse Durval é o mesmo Santos Bueno, Durval Santos Bueno!

- **AMBRÓSIO - GUARANI:** Depois eu acho que veio um outro, mas não lembro o nome. E foi ele que vendeu as terras, que mandou meu pai lá pra Santa Catarina, e quando nós fomos pra lá sumiram as terras!

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES :** A senhora sabe dizer o ano que foi isso?

- **ELVIRA LUIZ DOS SANTOS CRETÃ - GUARANI:** Acho que 58.

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES :** E o nome desse das terras, a senhora sabe?

- **ELVIRA LUIZ DOS SANTOS CRETÃ – GUARANI:** Parece que era Alicio de Carvalho... Mas tinha também um outro grupo que eles se juntaram e tiraram os índios das terras. Tinha um lugar chamado mato Branco, tinha o Pasto Liso, e minha família foi tirada desses lugares e eles mudaram todos os nomes, tiraram todo mundo de lá e trouxeram pra Campina igual nós falamos.

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES :** **E o que acontecia se os índios não quisessem sair?**

- **ELVIRA LUIZ DOS SANTOS CRETÃ – GUARANI:** Daí iam bater neles né, torturar se eles não saíssem!

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES :** **E eles tiraram os índios e colocaram quem no lugar?**

- **ELVIRA LUIZ DOS SANTOS CRETÃ – GUARANI:** Os chefes de posto e as lideranças, os próprios do SIT mesmo.

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES :** **E a senhora já ouviu falar num homem chamado João Bosco?**

- **ELVIRA LUIZ DOS SANTOS CRETÃ – GUARANI:** Sim, esse também foi um chefe de posto depois do tenente Florisbal.

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES :** **E o que era esse João Bosco?**

- **ELVIRA LUIZ DOS SANTOS CRETÃ – GUARANI:** Era o chefe de posto lá também, e depois dele que entrou um outro que começou a ajudar os índios, ele que foi candidato e começou a nos ajudar.

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES :** **Mas esse João Bosco que vocês falaram aí, ele era tenente, do STI, da FUNAI, o que ele era?**

- **ELVIRA LUIZ DOS SANTOS CRETÃ – GUARANI:** Ele era da FUNAI!

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES :** **E ele era soldado?**

- **ELVIRA LUIZ DOS SANTOS CRETÃ – GUARANI :** Não, esse não!

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES :** **E como ele trabalhava, como era a atuação dele?**

- **AMBRÓSIO - GUARANI:** Esse João Bosco chegou e continuou do mesmo jeito do Florisbal.

- **ROMANCIL GENTIL CRETÃ - KAINGANG:** Então, a minha vó contava essas histórias daí, que nossos sobrenomes são todos descendentes dos que compraram as terras e tudo mais. E minha vó e meu pai moravam na região de Mato Branco, e os Capanemas moravam lá na

Campina, mas hoje em dia fica todo mundo junto mesmo. E ela me contava muito sobre o que acontecia, sobre as torturas, a primeira vez que os índios tiveram que ir pra beira da estrada, que dava lá na colônia militar de Palmas. E ela contou também que os militares queriam que abrisse estrada, então eles foram lá e contrataram os caciques, chamaram vários dos nossos antepassados, mas quando chegou no dia do pagamento, até como disseram aqui já, eles não pegaram em dinheiro, pegaram em terra. Mas também tinha um outro cacique, que minha vó contava que a primeira vez que ele viu os militares chegando, teve uma batalha muito grande e ele acabou matando dois militares. Aí o exército voltou pra Curitiba, ficou durante uns 45 dias, se armou melhor e voltou. Aí quando voltaram caçaram o cacique por uma semana, e ele acabou morrendo. Mas sobre a vó, ela contava muito dessas questões do passado sabe, sobre os militares em Guaíra, em Mangueirinha, que foi muito pesado. E até hoje a gente vê nessas regiões né, que tem muita coisa de militar, muita coisa da FUNAI, muitos caminhões carregados de madeira que até hoje a gente não sabe pra onde foi. E eles ficam dizendo ainda que as terras indígenas são fora da lei, mas pegar terra era uma coisa que todo mundo fazia naquela época, igual vender madeira. Mas Mangueirinha era uma terra de família mesmo, mas as terras foram reconhecidas como terras da união e distribuíram pra FUNAI e pro STI, que foi quando ocorreu toda a dizimação de todas as aldeias, que não ficou nenhuma de pé mais. Quando eu tinha sete anos, vou contar essa história bem rapidinho! Porque assim, lá são três municípios né e nós tínhamos ido pra um desses vizinhos quando eu tinha 7 anos. E quando a gente tava voltando, nós passamos por uma bodega na divisa. E daí nós paramos lá, e tinha os homens que tinham sido contratados pra matar o cacique, e eles andavam com uma Kombi e um fusca. E eles encostaram essa Kombi atrás da bodega, e quando nós descemos e fomos entrar pela porta, estavam todos eles lá, uns 15 mais ou menos. E daí eles falaram pra gente ir andando e não olhar pra trás, aí nós ficamos com medo e fomos. Mas eu me lembro bastante, eu tinha 7 anos e hoje estou com 42, mas consigo lembrar bem da cena da gente passando em uma casa, saindo dos guarani pra ir pra outra aldeia, e a Kombi e o fusca sempre encostados ali, e eu lembro deles falando uma frase pra mim, “se esconda atrás do seu pai”. E o restante da cena eu lembro o que o meu pai conta mesmo, deles falando que iam entrar na aldeia e matar todos nós. E daí no fim a morte do cacique ficou como um acidente né, mas pra nós que sabemos e participamos, não foi acidente nada não, aquilo foi assassinato mesmo. E eu no meu pensamento, ele comprou briga de 4 grupos. Ele comprou uma briga com a FUNAI na época, uma briga com os posseiros do Rio das Cobras, uma briga também com o governo do estado que não aceitava índio rebelde.

Porque eu tenho certeza dessa questão da FUNAI, porque uma funcionária que trabalhava lá chamada Victória, mas já

é aposentada contou tudo pra mim. E ela contou pra mim “quando teu pai morreu, metade da FUNAI de Curitiba comemorou a morte dele, e a outra metade chorou, porque ele era um grande amigo!”. Mas a metade comemorou mesmo, porque daí não haveria mais retomada de terra nem nada aqui no Sul, a venda de madeira tava toda liberada, e daí eles diziam que faziam um desenvolvimento sustentável dentro das terras indígenas. E esses funcionários não mediam esforços pra prejudicar o índio e até o trabalhador depois. Então o que eu entendo assim, mais ou menos é que desde que eu tinha 7 anos e ele morreu, mudaram algumas coisas, mas o resto...

- **NORTON NOHAMA: O governador do estado na época, você lembra quem era?**

- **ROMANCIL GENTIL CRETÃ - KAINGANG:** Acho que um homem chamado Paulo Pimentel...

- **NORTON NOHAMA: E aqueles quatro fatores que você tinha citado antes?**

- **ROMANCIL GENTIL CRETÃ - KAINGANG:** Era a FUNAI, o governo do estado, os roceiros e o Slavieiro, que era dono de toda aquela área que era nossa, mas agora já é nossa de novo, mesmo ele ficando quase 40 anos lá. Então eram esses grupos que eram os perseguidores, inimigos declarados mesmo, era uma coisa que todo mundo sabia.

- **RAQUEL DE SOUZA FERREIRA OSOWSKI<sup>9</sup> :** No dia do acidente, ele estava sendo escoltado pelos policiais. E quando socorreram ele, que você lembra, se ele foi de ambulância, ou os policiais militares estavam junto, você lembra o que aconteceu?

- **AMBRÓSIO - GUARANI:** Não, porque daí na hora do acidente já chegou o carro do major. E esses homens que fizeram a armação pra matar ele ali, estavam todos em cima do barranco, e aí quando deu a batida eles desceram correndo, acho que pra terminar de matar mesmo ele! E tava ali, os dois policiais mesmo. E depois quando o pessoal chegou eles correram de volta pro mato, e derrubaram uma carteira de documento, e Deri Pompel era o nome que tava no RG.

- **RAQUEL DE SOUZA FERREIRA OSOWSKI :** Deri Pompel, essa carteira seria da pessoa que chegou na hora?

- **AMBRÓSIO - GUARANI:** É, ele chegou com certeza pra tirar eles dali né. E uns 15 dias antes eles já tinham matado um policial ali na região.

- **RAQUEL DE SOUZA FERREIRA OSOWSKI :** E o senhor lembra o nome desse policial que foi morto?

---

<sup>9</sup> Assessora Jurídica do CAOP Ministério Público do Estado do Paraná.

- **AMBRÓSIO - GUARANI:** O nome eu não lembro né, mas todo mundo conhecia ele por lá.

- **RAQUEL DE SOUZA FERREIRA OSOWSKI :** **O senhor podia repetir então a função dos dois policiais na região?**

- **AMBRÓSIO - GUARANI:** Era pra dar cobertura pra ele né, porque ele estava sendo ameaçado de morte!

- **RAQUEL DE SOUZA FERREIRA OSOWSKI :** **Mas e na hora do acidente, eles foram socorrer ele junto ou não?**

- **AMBRÓSIO - GUARANI:** Até foram, mas não sei pra onde levaram ele né.

- **RAQUEL DE SOUZA FERREIRA OSOWSKI :** **Porque há relatos de que no local havia a ambulância e um outro carro, o senhor lembra disso?**

- **AMBRÓSIO - GUARANI:** Não, disso eu já não sei.

- **RAQUEL DE SOUZA FERREIRA OSOWSKI :** **E o nome do major?**

- **AMBRÓSIO - GUARANI:** O nome dele pior que eu também não sei, só vi ele chegando ali mesmo.

- **MARCIANO RODRIGUES TUPÃ MIRIM – GUARANI:** Pois é, pelos relatos parece que foi tudo bem programado dentro de um tempo né, até a polícia, as próprias autoridades parecem que chegaram bem certinho na hora, e parecem muitas coincidências nessa situação né! Eu realmente acho que tem que ser investigado, esclarecida essa situação, porque foi uma coisa que passou muito tempo nessa dúvida né, eu acho que cabe de muita coisa ainda ser esclarecida.

- **ROMANCIL GENTIL CRETÃ - KAINGANG:** Então, segundo o que foi passado pro delegado o carro tinha estragado. Mas tava só com 5 pessoas, e o fusca é um carro muito leve pra você tirar da estrada. E outra coisa também que eu ouvi foi o depoimento de um policial, porque daí eles fugiram, e depois eles conseguiram pegar o documento do carro com uns representantes. E daí se o carro tinha estragado, eu penso e com as outras 5 pessoas não aconteceu nada? E o policial, no depoimento, ele disse que ligou o carro e levou andando pro pátio da polícia, e esse carro não tinha problema nenhum! O mesmo que as pessoas que se apresentaram disseram que tava estragado. Só que no depoimento do policial, diz que o carro não deu problema nenhum, tava normal. Então pra nós isso tudo foi... Só talvez houve, não sei, uma grande fatalidade.

- **MARCIANO RODRIGUES TUPÃ MIRIM – GUARANI:** A vó, própria mãe, isso ela pode afirmar, que ele deve tá em Pato Branco. Enterrado, ele se acidentou no dia 23 de janeiro mas ainda ficou 100 dias vivo, morreu no dia 29, faleceu. E nesse meio período, ele é uma

pessoa forte pelos relatos da família, e as chances de sobreviver da cirurgia que eles fez eram mínimas, mas parece que uma das enfermeiras foi lá e deu um copo d'água pra ele depois da cirurgia. E parece que a medicina diz que não pode fazer isso, você passar por uma cirurgia e receber um copo de água? E parece também que ele tinha uma marca na testa, que era coberta com esparadrapo, mas nos vídeos que a gente assiste não tem isso.

- **ROMANCIL GENTIL CRETÃ - KAINGANG:** Outra coisa também que eu lembro, que eu vi lá no caixão depois, que parece que tinha momentos que ele respirava, parece que ele inspirava e quando soltava enchia tudo de espuma no nariz dele, e o pessoal limpava. Dali a pouco, enchia de espuma de novo, isso eu lembro bem! Eu era moleque, era pequeno, mas eu lembro. Parece que ele puxava mesmo o ar, e quando soltava enchia de bolha no nariz, quase caía na boca, e eles limpavam com um pano. Então a gente fica preocupado né, e foi dada mesmo a morte pra ele. Mas quando ele tava no caixão, disse eu tenho certeza absoluta porque eu vi mesmo, isso eu tenho certeza. E pra mim ele foi morto mesmo, se não foi na estrada foi no hospital, foi de repente em algum outro lugar, mas ele foi morto. Inclusive tem uma enfermeira, que eu não sei onde mora mas alguém me falou alguma coisa sobre ela, disseram que ela sabe muita coisa sobre a morte. Eu acho que ela até mora em Pato Branco ainda, eu vou tentar saber bem, mas ela sabe muita coisa, pode contar bastante coisa.

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES:** **Eu queria fazer uma pergunta: A gente tem um trecho do processo que teria investigado esse inquérito da colisão, da batida e da suspeita de assassinato. Quer dizer, da suspeita não, do fato de todo mundo achar que era uma emboscada, até mesmo a polícia, um sargento que disse que estava passando casualmente de carro pelo local. Mas eles dizem o nome de três pessoas, e eu queria ler pra vocês pra ver se vocês reconhecem esses nomes: Antônio Roseval da Silva, Francisco Monteiro, e Romildo Bueno, estes estariam no carro.**

- **AMBRÓSIO – GUARANI:** Olha, de nome assim eu conheço todos eles, só não sei se é mesmo.

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES:** **Vocês não sabem dizer quem eram essas pessoas? É que todos tem o sobrenome meio parecido né. E o prefeito dessa época, o senhor lembra?**

- **AMBRÓSIO – GUARANI:** Era alguma coisa Jacomim, e até hoje tem uma foto dele lá na prefeitura, cada vez que eu vou lá eu olho e me lembro né. E a gente até fica pensando né, porque eles queriam matar ele de qualquer maneira, e era na época desse prefeito mesmo.

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES:** **Também aparece outro nome de prefeito**



**citado no processo, o senhor lembra?**

- **AMBRÓSIO – GUARANI:** Desse eu lembro mais, foi antes.

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES :** **E como era esse prefeito?**

- **AMBRÓSIO – GUARANI:** Olha, pra te falar bem a verdade, eu acho que Chupinzinho não gosta de índio, porque entra prefeito, sai prefeito e é sempre, eles não dão valor pra pessoa indígena. E isso é uma coisa que eu falo claramente mesmo. Em Mangueirinha até é diferente, Coronel Divino é diferente, mas Chupinzinho é duro de matar mesmo!

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES :** **A gente tá chegando perto do horário de conclusão, então eu queria agradecer aos senhores e passar pra última pessoa que ficou como depoente, a senhora Maria Bandeira. Só pra gente conseguir fazer um trabalho, mas eu penso que a gente devia tirar um indicativo de que as pessoas que depuseram aqui, se puderem em casa, estar conversando com parentes, puxar mais a memória né, pra tentar alguma lembrar de algumas coisas, ou até ter mais detalhes sobre o que vocês já lembram. Porque a ideia nossa é que de um jeito ou de outro, a gente continue essas investigações. Eu queria deixar um indicativo aqui, apesar de outros integrantes da nossa Comissão não estarem presentes, que eu penso que a gente deveria sugerir, principalmente vocês, que esse material seja encaminhado ao grupo de trabalho que está fazendo um novo laudo sobre a situação aqui de Guaíra. Não esperem a Comissão terminar, mas já tem uma audiência, dá pra pegar esse material e já enviar para a Comissão. Então eu penso que já é uma sugestão, pra que vocês já tenham o que indicar para os integrantes da Comissão que estão presentes aqui. Mas então podemos passar, não sei se mais alguém quer fazer alguma consideração ainda...**

- **ROMANCIL GENTIL CRETÃ - KAINGANG:** Eu acho que está tranquilo, e o restante é o que você falou aí mesmo, sobre a questão de a gente forçar a memória mesmo pra que a Comissão possa continuar com o resto das sessões por todo o estado do Paraná. E não deixar essas coisas em silêncio né, porque foi tudo muito sofrimento e não só com os índios do Paraná. Então tem que continuar mesmo com a Comissão da Verdade pra conseguir apurar mais coisas, é isso aí!

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES :** **Então agora a senhora podia falar um pouquinho, sua idade, onde a senhora morava nessa época e tudo mais.**

- **MARIA SANTOS - GUARANI:** Eu vou contar aqui uma história que é muito triste... Eu nasci em Embira Branca. Nasci no meio de todos aqueles índios, moravam meus avôs, e eu sei onde a gente morava. E às vezes me dá saudade de ir lá pra olhar, mas só olhar, se eu não

entrar até tudo bem. E daí tinham uns brancos que moravam na divisa e falavam pros meus avôs, mas eles não acreditavam, eram morador velho dali já. E os vizinhos diziam que iam nos tirar dali, e falavam pros meus avôs, mas eles não acreditavam. Mas de repente, quando eu já estava até meninota, pegaram e convocaram uma reunião na casa do meu tio, e nos pegaram de surpresa. Nós deixamos todas as nossas coisas na casa, roupa, panela, deixamos tudo! E aí chegamos nessa reunião na casa do meu tio, com bastante gente, bastante conversada, criançada, mulherada. E daí tinha uma divisa e estavam os amigos do meu avô, e era um lugar muito grande. Meus avôs estavam lá com nós, perto do meu tio, e daí fecharam e tiraram eles! Nesse época que a gente foi tirado de lá, foi o Dival, o João Garcia que era chefe do posto naquela época, e o Victor, eram esses três. E daí quando nós chegamos naquele galpão do outro senhor, e daí eles fecharam todos nós! Disseram pra nós que ia ser uma festa, ter cinema, e nós chegamos lá não tinha coisa nenhuma, só tinha o lugar lá fechado. E daí já tinha um caminhão esperando lá sabe. E nisso entrou lá o conhecido do meu avô e disse, “você vão lá você vão sair daqui”. Aí, no outro dia cedo, carregaram a gente, o caminhão cheio! Deixamos tudo, deixamos roça, criação, tudo aquilo dos índios que moravam lá.

**- JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES : E a senhora lembra o ano de tudo isso Dona Maria?**

**- MARIA SANTOS - GUARANI:** Olha, que eu me lembro nós saímos de lá no começo de 1950, eu creio que foi isso. E isso faz tempo já né! E daí quando eles trouxeram a gente, tinha um chefe de posto, e eles deram serviço pros índios, pras mulheres, até pras crianças que tinham 12 anos na época. E a gente chamava isso de panelão!

**- JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES : Que idade a senhora tinha nessa época?**

**MARIA SANTOS - GUARANI:** Naquela época eu acho que eu tinha ali uns 11 anos, porque eu lembro de tudo, sabe.

---

**JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES : E quantos anos a senhora tem hoje?**

**- MARIA SANTOS - GUARANI:** Agora eu tenho 83. E daí, nós começamos a trabalhar. Os índios acordavam e iam capinar roça pro posto naquela época. E daí meu pai ficou doente, meu irmão também que era bebezinho, e meu pai foi arrumar remédio. Então ele faltou o serviço, não foi carpir, e aí prenderam meu pai, e ele ficou 30 dias na cadeia dos índios! E daí chegaram de novo lá e trouxeram nós até Curitiba, e em Curitiba trouxe nós pra Chapecó, onde tem chefe indígena. E deixaram a gente ali, foi assim... Ah, e aqui melhorou um pouco pra nós, porque o meu pai gostava de trabalhar, minha mãe plantava mandioca, e ali eu era chefe de posto naquela época, e daí aquilo eu gosto, e isso é importante. Agora podia trabalhar, podia fazer

roça, pode plantar trigo. E o meu pai era jovem, ali sim ele conseguiu começar de novo. E daí meu pai morreu não faz pouco, com uns 70 anos ali em Santa Catarina. E depois nós viemos pra Mangueirinha, e minha mãe morreu com cento e poucos anos, e nós ficamos lá até agora. Mas eu tenho muita saudade de onde eu nasci! Esses tempos eu disse pro meu filho “por que vocês não me levam lá só pra olhar, pra ver onde morava meu vô, minha vó, onde a gente morava antes?”. Mas hoje lá já deve estar cheio de branco né, não sei! Ou até fazendeiros às vezes...

- **ROMANCIL GENTIL CRETÃ - KAINGANG:** Eu só queria contribuir um pouco, pra dizer que Embira Branca fica no município de Marquinhos. Ano passado eu tive lá mesmo, onde ela nasceu. E eu fui lá, mas não sabia muito da história, então eu busquei os índios que nasceram, até perto do lugar lá chamado de Lagoa Santa.

- **MARIA SANTOS - GUARANI:** Mas também naquela época que tiraram a gente de lá, de certo que venderam essas terras né, a gente não tem certeza... E o pai da Dona Elvira ali, ia passear na casa do meu pai, caçava e tudo com os meus avôs!

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: E depois de Marrecas pegaram todos de novo?**

**MARIA SANTOS - GUARANI:** Não! Só eu e o meu pai, minha mãe e umas outras crianças, o resto ficaram ainda lá.

---

- **ROMANCIL GENTIL CRETÃ - KAINGANG:** Só falando mais uma coisinha que eu lembrei, essa cidade de Embira Branca está também num livro do Sérgio Motta, ele até fala do outro nome que eles dão pra terra por causa do cacique Bandeira. Só pra tentar ajudar vocês mesmo! Porque eu, quando estava estudando, cruzei com exatamente essa história sobre os Bandeira.

- **RAQUEL DE SOUZA FERREIRA OSOWSKI : A senhora falou que tinha índio que às vezes era preso. Quem prendia, e por quê?**

- **MARIA SANTOS - GUARANI:** Os índios velhos né, que não obedeciam ao João Garcia e tinham que ir pra cadeia.

- **RAQUEL DE SOUZA FERREIRA OSOWSKI : E quem era João Garcia?**

- **MARIA SANTOS - GUARANI:** Ele era o chefe do posto, lá em Marreco quando nós chegamos lá. Mas se eu não me engano, o João Garcia morreu e o filho dele também.

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES : Então pessoal, eu acho assim, não sei se alguém quer dar mais alguma informação, falar mais alguma coisa, mas está chegando próximo da hora da nossa sessão encerrar. Então a gente precisa de todos os nomes e tudo pra dar continuação ao encaminhamento, e uma sugestão minha é que o pessoal das**

organizações fique responsável por coletar esses dados e repassar pra nós. Porque vocês têm mais acesso às comunidades né, às vezes se encontram, é até mais fácil pra telefonar, a gente muitas vezes nem conhece essas pessoas. Então vocês podiam fazer esse trabalho e passar pra gente, eu acho que isso é muito importante. Enfim, até tudo que a gente viu aqui a gente vai juntar, fazer uma cópia e enviar pra vocês.

- **MARIA SANTOS - GUARANI:** Ah, tem mais uma coisa também! Quando nós chegamos em Marrecas e perguntamos pro João Garcia como ficavam nossas coisas, ele falou “não, pode ficar tranquilo que vocês vão receber tudo”. Mas nós não recebemos nada! Minha mãe cozinhava dentro de lata lá pra nós!

---

- **RAQUEL DE SOUZA FERREIRA OSOWSKI :** **E quantas pessoas saíram de lá junto com a senhora?**

- **MARIA SANTOS - GUARANI:** Se eu não me engano eram mais de cento e poucas famílias, porque nós já estávamos lá há muitos anos!

- **RAQUEL DE SOUZA FERREIRA OSOWSKI :** **E foram todas elas no caminhão?**

- **MARIA SANTOS - GUARANI:** Foi, e era até a primeira vez que eu conhecia um caminhão!

- **RAQUEL DE SOUZA FERREIRA OSOWSKI :** **Então só pra deixar bem claro, eles falaram pra vocês que vocês iam pra uma festa dentro daquele pavilhão?**

- **MARIA SANTOS - GUARANI:** Não, os vizinhos que contavam que eles iam tirar a gente dali, pra levar embora pra Marrecas. Os vizinhos que até contavam pro meu avô, mas ele era muito velho, ele não acreditava sabe? E foi isso que aconteceu com a gente... Não recebemos nada, nada, nada!

- **ROMANCIL GENTIL CRETÃ - KAINGANG:** Aí só sobre alguns nomes depois vocês me passam bem certinho pra gente procurar saber com o pessoal da aldeia que é bem antigo mesmo, a gente tentar descobrir mais coisas.

- **MARIA SANTOS - GUARANI:** E o que eu queria ainda era ir lá e ver onde meus avôs moravam, ver onde ficava minha avó!

- **RAQUEL DE SOUZA FERREIRA OSOWSKI :** **Então agora nós queremos agradecer imensamente a colaboração de todos, pelo empenho e pesquisa que vocês fizeram antes de virem pra cá! E com certeza nós iremos continuar, todos os documentos que vocês puderem encaminhar pra nós, pra Comissão Nacional, pra gente continuar esse trabalho. Se alguém lembrar alguma coisa, e quiser ser ouvido depois, a gente providencia. Vamos aguardar o depoimento da Dona Elvira, né Dona Elvira! Vamos aguardar, e é isso, eu**

queria agradecer a todos!

- **JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES** :E eu queria dizer só mais o seguinte: que todas as documentações que a gente recebeu, que foram muitas, a gente recebeu mais de 20 mil documentos até agora, todo esse material a gente quer disponibilizar pra alguém que tenha um acervo, pra gente disponibilizar, até pra algumas escolas e tudo mais. Porque é um material muito importante pra estudo e pesquisa, afinal tem um monte de indígenas ali estudando e enfim, a gente queria repassar pra vocês, obrigado!

- **RAQUEL DE SOUZA FERREIRA OSOWSKI** : Então vamos chamar o Dr. Olympio e a Ivete pra fazer o encerramento...

- **IVETE CARIBÉ**: Eu peço desculpas a vocês, mas estávamos tratando de um assunto de interesse até de todos vocês, então por isso tivemos que nos ausentar um pouco. Eu queria agradecer a todos e todas que estiveram aqui, por todo esse sacrifício que vocês fizeram para estarem aqui, e dizer que foi muito bom ter estado com vocês nesse dia de hoje e até de ontem no caso de alguns, e desejar um bom retorno a todos. Também agradecer a professora Maria Lúcia e ao Vereador Paulo PORTO, além da Câmara de Vereadores por nos ceder essa estrutura, e então damos por encerrada essa sessão. Muito Obrigada!

- **DR. OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO**: E só fazendo o registro, que o resgate dessa história, o resgate do passado nos ajude a resolver problemas do presente e do futuro! Obrigado pela colaboração, vocês estão sendo muito importantes nesse sentido. A Comissão da Verdade abrirá um procedimento específico sobre esse caso de violação dos direitos humanos contra os povos indígenas, e como eu disse, destacar essas relações, a maneira como se deu essa expulsão dos indígenas de suas terras originárias, e com isso, por certo, ajudar a acabar com esse tipo de violação que ainda ocorre no presente. Muito obrigado pela participação de todos vocês!

---